

VISÃO DO CORREIO

É preciso sair do pântano da baixa política

O Rio de Janeiro vive mais um capítulo de sua longa decadência política, agora elevado ao paroxismo com a renúncia de Cláudio Castro e a consequente inelegibilidade que encerrou de forma melancólica seu ciclo no Palácio Guanabara. Não se trata de um episódio isolado, mas da expressão mais recente de uma engrenagem institucional que vem falhando reiteradamente, com crises políticas e administrativas em cadeia. O estado, que já foi vitrine política e cultural do país, afunda-se num pântano onde se misturam corrupção estrutural, desorganização administrativa e, de forma ainda mais alarmante, a crescente infiltração do crime organizado nas estruturas de poder.

A sucessão improvisada expõe esse quadro com cruzeza. Sem vice-governador, com o presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (Alerj) afastado e o comando do Executivo entregue interinamente ao presidente do Tribunal de Justiça, o desembargador Ricardo Couto, o estado vive uma situação de vacância institucional rara e perigosa. A solução prevista — uma eleição indireta pela Alerj — deveria ser um mecanismo de estabilização. Contudo, transformou-se em mais um fator de incerteza e descrédito.

A decisão do Supremo Tribunal Federal (STF), que formou maioria pela votação secreta na eleição indireta, embora juridicamente defensável, revela o grau de desconfiança que cerca o processo político fluminense. Ao permitir que deputados escolham o futuro governador sem transparência, a Corte reforça a percepção de que o jogo se dá nos bastidores, longe do escrutínio público. A divergência aberta por ministros como Alexandre de Moraes, Gilmar Mendes, Flávio Dino e Cristiano Zanin, favoráveis à eleição direta, evidencia que não se trata apenas de uma questão técnica, mas de um dilema político sobre legitimidade.

O problema de fundo, entretanto, vai além do método de escolha. O que está em jogo é a própria capacidade de o Estado do Rio de Janeiro ser governado

dentro dos marcos republicanos. A captura de parcelas do poder por interesses ilícitos e pelo crime organizado corrói as bases da representação política e compromete a autoridade das instituições. Quando facções criminosas controlam parte considerável das principais cidades, economias locais e, indiretamente, processos eleitorais, a democracia deixa de ser plenamente funcional. Trata-se de uma patologia política.

Esse quadro não surgiu de repente. Ele é resultado de décadas de permissividade, fisiologismo e ausência de reformas estruturais. Governos sucessivos falharam em estabelecer mecanismos eficazes de controle, transparência e responsabilização. A Assembleia Legislativa, que agora terá a responsabilidade de eleger um governador-tampão, carrega também o peso da própria crise de credibilidade. Sem uma profunda mudança de comportamento, corre o risco de apenas reproduzir as práticas que levaram o estado a essa situação. A glamourização da malandragem é o caldo de cultura para a baixa política.

É nesse contexto que as eleições de outubro ganham centralidade. Mais do que uma disputa convencional, elas representam uma oportunidade — talvez a última de iniciar um processo de reconstrução institucional. Não haverá solução mágica nem imediata. O Rio precisa de um projeto político que combine enfrentamento firme ao crime organizado, reestruturação das finanças públicas e, sobretudo, reconstrução da confiança entre governantes e governados. Ou seja, um projeto de resgate da boa política, austeridade e inovação administrativas e reformas das estruturas de gestão.

Emergir do pântano da baixa política exige mais do que trocar nomes. Requer romper com padrões arraigados de clientelismo e opacidade. Significa adotar práticas de governança baseadas em mérito, transparência e responsabilidade fiscal. Implica também em fortalecer os órgãos de controle e garantir que atuem com independência e vigor.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato. E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Santuário do Cerrado

Cumprimento o jornalista Severino Francisco pela sua notável e antológica crônica *Santuário do Cerrado*, publicado na edição de 25 de março. Ali, ele narra trechos da vida do sociólogo, ecologista e escritor gaúcho-brasiliense Eugênio Giovanardi e sua esposa, Hilka Maki, jornalista e tradutora, nascida na Finlândia. Trechos de vida que estão ligados à ecologia, à preservação da natureza e suas plantas, bichos e águas e ao Sítio das Neves, aqui no DF. O professor Giovanardi (do IHGDF — Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal — e da Academia de Letras do Brasil) é um moler defensor do nosso Cerrado e, obviamente, da Serrinha do Paranoá. Ele transformou seu Sítio das Neves em patrimônio natural do nosso Distrito Federal. Escreve Severino Francisco: “Que baita presente Giovanardi legou às futuras gerações de brasileiros.” Quero registrar que o ecossociólogo Eugênio Giovanardi é autor de vários livros de poesia e prosa da mais alta qualidade. O mais recente deles se intitula *Mosaicos no chão verde*, foi editado pela Kelps, de Goiânia, e é dedicado à memória de Athos Bulcão e Roberto Burle Marx, “fiéis depositários dos segredos milenares do Cerrado”

» Danilo Gomes

Lago Norte

Irã 1

É surpreendente a capacidade bélica do Irã. Durante 40 anos, ele acumulou um arsenal de armas de destruição em massa incomensurável, como está demonstrando depois que foi atacado por Israel e EUA e após matar, segundo circula na imprensa, mais de 40 mil de seus cidadãos em poucos dias por protestarem contra o governo. Há anos o Irã financia os grupos terroristas Hezbollah, Houthis e Hamas, visando apagar Israel do mapa. Matou 85 pessoas em Buenos Aires, em 1994, no atentado à Amia. Quando o vice-presidente Alckmin levou o prestígio e o apoio do governo amigo do Brasil à posse do presidente Masoud Pezeshkian, presenciou os brados de morte a Israel e morte à América. Agora mesmo, em plena guerra, o governo iraniano tem condenado e executado jovens que participaram dos protestos de janeiro. Prendem mulheres por não usarem o véu corretamente ou as matam a pedradas por acusação de adultério; homossexuais são enforcados em guindastes. Seus mísseis, lançados contra Israel, levam bombas de fragmentação, que não visam alvos militares, mas a população civil. O que o Irã faria com armas nucleares, que estava a um passo de desenvolver? O Irã representa hoje o mesmo perigo que o III Reich em 1939.

» Roberto Doglia Azambuja

Asa Sul

Irã 2

Joe Kent, diretor de contraterrorismo dos EUA, governo Trump, renunciou ao cargo em protesto contra a guerra com o Irã. Recentemente, em entrevista a Tucker Carlson — e aqui abro um parêntese: o entrevistador era, ou é, apoiador de Trump e do movimento MAGA —, o ex-diretor afirmou, de forma categórica, que não havia a menor possibilidade de o Irã ter ou desenvolver uma bomba atômica. Disse mais: “Eles têm uma fatwa religiosa, desde 2004, que proíbe a construção de armas nucleares.” Iraque e Líbia são exemplos emblemáticos



MARCOS PAULO LIMA
marcospaulo.df@cbnet.com.br

Do “bota ponta” ao “bota meia”

Carlo Ancelotti está apogado ao 4-2-4. Acha possível conquistar o hexa dando todo o poder aos pontas, velocistas, nem sempre dribladores ou artilheiros. Não está errado. O italiano de 66 anos mostra conhecimento histórico da Seleção, mas os tempos são outros. O Brasil de Vicente Feola foi campeão assim em 1958. Havia Garrincha, Vavá, Pelé e Zagallo. Atrás deles, Zito e Didi pensavam o jogo. Aymoré Moreira só não manteve o quarteto no bi, em 1962, porque Pelé se machucou. Amarildo, o Possesso, substituiu o Rei. Os meias eram os mesmos. No tri, a Amarelinha ostentava Jairzinho, Tostão, Pelé e Rivellino, mas desfrutava dos maestros Clodoaldo e Gerson.

Os pontas são o que temos de melhor para a Copa de 2026: Vinícius Junior, Raphinha, Estêvão, Luiz Henrique, Gabriel Martinelli... A questão é a falta de imaginação na meiuca. Olhar para Casemiro e Bruno Guimarães como se ambos tivessem a capacidade de emular Zito e Didi ou Clodoaldo e Gerson é blasfêmia. A ideia de Ancelotti não é absurda, mas parece anacrônica a 75 dias da Copa.

Daí a necessidade de olhar para os outros dois modelos vencedores: 1994 e 2002. Ancelotti precisa conversar com Parreira. O mentor do tetra não teve vergonha de mandar o camisa 10 Raf para o banco e formar um meio de campo operário para trabalhar em função de Bebeto e Romário. Mauro Silva, Dunga, Mazinho e Zinho carregavam o piano. Havia ocupação do meio de campo. Cadência.

Em vez do 4-2-4, Ancelotti poderia recorrer ao 4-4-2. Não há obrigação de todos os pontas serem titulares. Ele pode emular o Brasil de 1994 montando a meiuca com Fabinho, Casemiro, Danilo (do Botafogo) ou Lucas Paquetá e Bruno Guimarães. Na frente, Vini e Raphinha ou um mais centroavante.

Ancelotti também poderia sentar-se à mesa com Luiz Felipe Scolari para falar sobre o penta — e o 7 x 1. A safra tem bons zagueiros. Por que não adicionar ao repertório sistema tático alternativo

no 3-5-2 ou no 3-4-1-2 como no título de 2002? As três torres eram Lúcio, Edmilson e Roque Júnior. O italiano não pode unir Éder Militão, Marquinhos e Gabriel Magalhães; e potencializar alas como Wesley? Ele joga assim na Roma, porém na esquerda. Com tantos pontas, perde a utilidade.

Uma das causas do 7 x 1 nas semifinais da Copa de 2014 foi o apego de Felipão ao 4-3-3. Ele achou que poderia peitar a Alemanha trocando simplesmente o lesionado Neymar por Bernard em vez de fortalecer o meio de campo e ter a humildade de jogar por uma bola. Deschamps havia feito isso nas quartas de final no Maracanã. Foi eliminado, mas entendeu a limitação da França e perdeu por 1 x 0.

O Brasil enfrentou o campeão mundial e a vice no ciclo. A sensação contra as duas seleções foi de déjà vu do 7 x 1. Dorival Júnior configurou o Brasil no 4-2-4 no Monumental de Núñez, perdeu por 4 x 1 e escapou de mais. Ancelotti repetiu na quinta-feira. A França não fez mais do que 2 x 1 porque desacelerou. Abriu 2 x 0 com 10 jogadores depois da expulsão de Upamecano.

Grato, Ancelotti, pela tentativa de resgatar o romântico 4-2-4 de 1958, 1962 e 1970, mas o momento demanda senso de urgência. O Brasil precisa olhar para acertos de 1994 e de 2002. Aprender com o 7 x 1 e até com 2006. A avareza tática causou danos pela insistência com o quadrado mágico formado por Kaká, Ronaldinho Gaúcho, Ronaldo e Adriano.

Encerro com duas lembranças. O técnico do Brasil jogou no histórico Milan de Arrigo Sacchi: Ancelotti, Rijkaard, Colombo e Donadoni trabalhavam duro para Gullit e Van Basten decidirem. Carletto era auxiliar de Sacchi na Copa de 1994. A Itália foi vice com Berti, Dino Baggio, Albertini e Donadoni fazendo o trabalho sujo para Roberto Baggio e Massaro.

Em 1982, Zé da Galera, personagem de Jô Soares, liderou a campanha “bota ponta, Telê”. Os novos tempos são de “bota meia, Ancelotti”.

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara E se mais mundo houera, lá chegou”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00

Assine
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp

*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.
Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anuncie
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131



D.A Press Multimídia para pesquisa em jornais e cópias: SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF; de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h;/domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.udapress.com.br